

GÊNERO, IDENTIDADE E DISCURSO: A BIBLIOTECÁRIA EM CENA

Sabrina da Silva de Oliveira¹
Sebastião Kennedy Silva Soares²

INTRODUÇÃO

Historicamente, a profissão de bibliotecário constitui-se como um espaço marcado pela feminização do trabalho, acompanhado de estereótipos associados à docilidade, ao silêncio e à subalternidade. Nesse contexto, torna-se relevante problematizar a discursividade em torno do uso do termo bibliotecária, uma vez que a linguagem não é neutra, mas desempenha papel central na construção e manutenção de identidades profissionais.

Essa construção social produziu imagens cristalizadas da profissão que, além de desvalorizar o ofício, reforçaram hierarquias de gênero e invisibilizaram a complexidade das atividades desempenhadas. Com o tempo, a predominância feminina na área consolidou a associação da profissão a papéis sociais historicamente considerados secundários, enquadrando-a entre as chamadas “semi-profissões”, como o magistério e a enfermagem, tradicionalmente menos reconhecidas em termos de prestígio e remuneração.

As reflexões que aqui serão apresentadas têm origem em uma dissertação de mestrado realizada com bibliotecárias e bibliotecários do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), cujo objetivo foi compreender trajetórias profissionais e suas implicações no campo educacional. Optou-se pelo uso do termo *bibliotecária* como marcador de gênero, em um movimento consciente de tensionamento das discursividades que atravessam a linguagem na escrita acadêmica. Tal escolha apoia-se na concepção de Orlandi, para quem o discurso é “palavra em movimento, prática da linguagem, [que] procura compreender a língua dentro de uma perspectiva social” (Orlandi, 1999, p. 15)."

No entanto, com o desenvolvimento da dissertação e os entendimentos do uso da palavra bibliotecária, percebeu-se que não poderia se tratar apenas como um marcador de gênero gramatical, mas também na possibilidade da inscrição da designação como gesto

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Bibliotecária no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Salinas (IFNMG-Salinas).

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED/UESB).

político e performativo que confronta padrões linguísticos hegemônicos utilizados no contexto científico e tensiona os limites da representação social da profissão.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada na construção deste texto caracteriza-se como um ensaio de caráter teórico-reflexivo. Nesse sentido, Meneghetti (2011, p. 325) esclarece que “[...] o ensaio não tem caráter fragmentário ou atua como mero instrumento de especulação motivada pela razão”, indicando que o ensaio vai além de uma simples exposição de ideias pessoais ou reflexões dispersas.

No ensaio, não é necessária uma conclusão no sentido tradicional; cada seção constitui, em si mesma, uma conclusão, gerando respostas às questões inicialmente propostas. Meneghetti (2011) reforça essa perspectiva ao afirmar que

Implícita na crítica ao ensaio de que ele seria fragmentário e aleatório, está a crença na totalidade, enquanto imediatamente dada na acessibilidade do todo que, por sua vez, implica a identidade – pelo menos potencial – entre sujeito e objeto, pedra de toque de toda tradição filosófica ocidental (Meneghetti, 2011, p. 325).

Dessa forma, o ensaio não apenas problematiza conceitos e práticas, mas também reconfigura a relação entre sujeito e objeto de análise, permitindo a produção de conhecimento original e diferenciado. Este desenvolve-se a partir das reflexões de diferentes autores, incorporando as contribuições teóricas de Butler (2018) e de estudiosos da Biblioteconomia, como Assis (2018), Lobão (2017), Walter e Baptista (2007) e Basílio (2022), com o objetivo de tensionar as disputas presentes na escrita científica no campo da biblioteconomia e os estereótipos que configuram a identidade dos profissionais da área.

DISCUSSÕES

Os estereótipos associados à profissão de bibliotecário são amplamente conhecidos e envolvem aspectos de gênero, comportamento e imagem física, podendo limitar o reconhecimento social e a valorização profissional. A imagem tradicional remete a mulheres, geralmente idosas, de óculos e coque, com postura antagônica e pouco receptiva, reforçando a percepção de que a função se restringe à reorganização de materiais, tarefa muitas vezes realizada por auxiliares. Homens na profissão também enfrentam estereótipos, frequentemente

associados à homossexualidade ou a comportamentos efeminados, o que os leva a provar sua masculinidade antes de afirmar sua identidade profissional. Esses estereótipos, reforçados por fatores históricos - como a responsabilidade dos primeiros bibliotecários pela manutenção dos acervos, a execução de tarefas físicas e a ausência de exigências formais de qualificação - e pela mídia e cultura popular, contribuem para a percepção da profissão como de baixo prestígio, impactando a valorização social, remuneração e oportunidades de crescimento (Walter; Baptista, 2007).

Em um primeiro olhar, poderíamos supor que a predominância da figura feminina no campo da biblioteconomia seria suficiente para romper com alguns dos preconceitos históricos, já que a prática cotidiana nas bibliotecas se distancia da caricatura difundida pela cultura popular. Contudo, o que se verifica é a permanência de estereótipos que continuam a restringir a identidade profissional, seja pela feminização que desvaloriza o ofício, seja pela exigência de que os homens comprovem sua masculinidade ao ingressarem na área. Tais construções estão vinculadas à discursividade social sobre o que significa ser homem e ser mulher, revelando como as normas de gênero atravessam e condicionam a percepção da profissão. Nesse cenário,

os estereótipos negativos da profissão também dificultam o rompimento das barreiras para uma maior difusão e reconhecimento de suas atividades pela sociedade. Desvencilhar e desconstruir esses estereótipos negativos poderá favorecer o entendimento do papel do bibliotecário para a sociedade em geral, e também para a própria classe, uma vez que está buscando a definição de seu perfil e as suas possibilidades de atuação (Assis, 2018, p. 20).

A análise evidencia que a disputa em torno da linguagem e das imagens que circulam sobre a profissão atravessam concretamente a valorização profissional, a remuneração e as oportunidades de crescimento do bibliotecário e da bibliotecária. A problemática apresentada por Assis (2018) e por Walter e Baptista (2007) já seria suficiente para suscitar debates relevantes. Entretanto, ao deslocarmos a reflexão para o campo da escrita científica e da representatividade, a discussão se aprofunda.

Basílio (2022) aponta um processo sistemático de apagamento e silenciamento das mulheres que construíram a profissão. Ao realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a história da Biblioteconomia brasileira, a autora observa que, surpreendentemente, os acontecimentos mais marcantes e definidores da profissão foram protagonizados por mulheres. Essa constatação revela a existência de um silenciamento histórico que apaga a relevância dessas bibliotecárias no desenvolvimento da área.

Tal afirmação se consolida, pois, afinal, nos cursos de graduação, na bibliografia apresentada pelos/as professores/as durante as disciplinas aparecem majoritariamente autores e figuram apenas os nomes dos homens bibliotecários. O gênero como categoria de análise, até o presente momento, é pouco utilizado para refletir sobre a área da Biblioteconomia (Basílio, 2022).

Esse silenciamento, identificado por Basílio, dialoga com a constatação de Lobão (2017), ao afirmar que “a Biblioteconomia é visivelmente uma profissão desde o curso, majoritariamente feminina. No entanto, os nomes mais célebres do curso são de homens” (Lobão, 2017, p. 240). Assim, torna-se evidente a contradição entre a predominância feminina no exercício da profissão e a visibilidade masculina na produção científica e no reconhecimento institucional.

A história da ciência no país revela uma produção marcada majoritariamente por homens, o que reforça a invisibilidade do trabalho feminino e ajuda a compreender porque, mesmo em áreas compostas por mulheres, o reconhecimento continua a privilegiar nomes masculinos.

Na escrita científica, essa assimetria também se manifesta. Observa-se a predominância do uso de termos no masculino como padrão estético para designação, mesmo em profissões cuja maioria é composta por mulheres, como a Biblioteconomia. Tensionar esse padrão implica provocar deslocamentos que, em alguns momentos, podem reforçar estereótipos, mas em outros, confrontá-los diretamente. Isso ocorre porque o padrão estético e as escolhas vocabulares na escrita acadêmica não são neutros: eles refletem um ideário de gênero e funcionam como gestos performativos de apropriação da linguagem, capazes de produzir, reforçar e legitimar discursos específicos.

A partir da perspectiva de Butler (2018), é possível compreender essa dinâmica como efeito daquilo que a autora denomina “matriz heterossexual”: uma grade de inteligibilidade cultural que naturaliza a fusão entre o universal e o masculino, transformando o homem em medida normativa do humano. Dentro dessa matriz, as categorias de gênero não se apresentam como essências estáveis, mas como “ficções culturais punitivamente reguladas”, reiteradas em atos, discursos e representações. Assim, o uso reiterado do masculino como padrão na escrita científica é um ato performativo que inscreve, reproduz e normaliza a masculinização do sujeito acadêmico e do conhecimento científico.

Nesse sentido, a própria categoria “mulheres”, frequentemente evocada pelo feminismo, é também uma construção discursiva, constituída em meio a relações de poder e à política representacional. A invisibilidade das bibliotecárias na história e na produção científica, mesmo compondo a maioria numérica da profissão, pode ser lida como

manifestação dessa regulação coercitiva, em que a autoridade e a visibilidade se concentram em figuras masculinas, enquanto as mulheres são reiteradamente deslocadas para a margem.

Entretanto, é justamente nessa repetição normativa que se abre a possibilidade de deslocamento e subversão. Como argumenta Butler (2018), a paródia e a repetição subversiva revelam que o gênero - assim como a linguagem - não possui um fundamento original, mas é sempre cópia e performance. Ao enfatizar conscientemente o uso do termo *bibliotecária*, desloca-se a norma linguística, tensiona-se a matriz heterossexual e produz-se um gesto de intervenção política capaz de desestabilizar a naturalização do masculino como universal.

Reconhece-se que a análise da discursividade em torno do termo deve considerar a pluralidade de contextos nos quais a Biblioteconomia se insere, de modo que dimensões como território, diversidade cultural e social também influenciam a produção e a circulação de estereótipos, para além do gênero. Assim, ao assumir o termo *bibliotecária*, busca-se ampliar a reflexão sobre identidade profissional, performatividade de gênero e disputas simbólicas e concretas que atravessam a área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa contradição entre a maioria feminina na profissão e a predominância de nomes masculinos na memória da Biblioteconomia, revela um processo sistemático de silenciamento das mulheres que protagonizaram momentos centrais da história da área. Embora tenham desempenhado papéis decisivos na constituição da profissão, essas bibliotecárias foram invisibilizadas nos registros oficiais e na bibliografia de referência dos cursos de graduação, que privilegia autores homens. Esse movimento, como observa Lobão et al (2017), é paradoxal: “a Biblioteconomia é visivelmente uma profissão desde o curso, majoritariamente feminina. No entanto, os nomes mais célebres do curso são de homens”.

A repetição da frase acima fundamenta-se no princípio de que o termo “célebre” refere-se ao reconhecimento público e à fama dos homens que participaram da construção da Biblioteconomia, a nosso ver. É, contudo, necessário problematizar o discurso que sustenta essa noção de “célebre” e refletir sobre os critérios implícitos que privilegiam determinados sujeitos, pois são esses mesmos discursos que contribuem para o apagamento das mulheres no contexto histórico e científico da área.

A partir da leitura de Judith Butler (2018), esse apagamento não é uma lacuna histórica, mas expressão daquilo que a autora denomina *ficção cultural punitivamente regulada*. As categorias de gênero que estruturam o campo científico produzem, por meio de

atos reiterados - como a escolha de quem é citado, lembrado e legitimado - a naturalização do masculino como sinônimo de universal, racional e científico. Assim, o silenciamento descrito por Basílio (2022) e a contradição apontada por Lobão (2017) podem ser compreendidos como efeitos performativos da matriz heterossexual, que funde masculinidade e universalidade, ao mesmo tempo em que desloca a contribuição feminina para a margem, como se fosse acessória ou secundária.

A opção consciente pelo uso do termo no feminino *bibliotecária*, adquirem caráter político e subversivo. Ao expor o caráter reiterativo e não essencial dessas normas, esses gestos desestabilizam a ficção reguladora que sustenta a masculinização do sujeito científico e abrem espaço para novas formas de reconhecimento e de constituição da identidade profissional.

Palavras Chaves: Bibliotecárias; discurso; estereótipos; identidade e biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Tainá Batista de. Perfil profissional do bibliotecário: atual e desejado. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Bibliotecário do século XXI**: pensando o seu papel na contemporaneidade. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2018. p. 13-32. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/180406_bibliotecario_do_sec_XXI.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

BASILIO, Esdra. Um olhar sob a perspectiva de gênero na Biblioteconomia: região Centro-Oeste. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 29., v. 1, n. 1, 2022, On-line. Anais... [S.l.]: FEBAB, 2022. p. 1–11. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2555>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismos e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LOBÃO, Irajayna de Sousa Lage *et al.* Biblioteconomia: uma questão de gênero? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, n. esp. CBBD 2017, p. 2037. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/998/924>. Acesso em: 28 ago. 2025.

MENEGHETTI, Fábio Konder. O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 2, p. 320-332, mar./abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ORLANDI, Eni. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.



WALTER, M. T. M. T.; BAPTISTA, S. G. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 17, n. 3, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/248917>. Acesso em: 28 ago. 2025.